

O Livro de Jó

Sessão 5: Jó e o Antigo Oriente Próximo

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 5, Jó e o Antigo Oriente Próximo.

Revisão [00:22-2:44]

A próxima coisa sobre a qual precisamos falar é como Jó e o Livro de Jó se relacionam com o contexto do antigo Oriente Próximo em que eles existem. Já falamos sobre a ideia de que a Bíblia foi escrita para nós, mas não para nós. Não está na nossa língua. Não está na nossa cultura. Não antecipa nossa cultura ou qualquer outra cultura desde aquela época. Portanto, não antecipa uma cultura bizantina e fala com uma cultura bizantina. Não antecipa uma cultura medieval. Não antecipa uma cultura do Extremo Oriente ou uma cultura africana ou uma cultura americana.

Não antecipa uma cultura, mas as necessidades das pessoas têm certas semelhanças. Precisamos conhecer a Deus. E assim, cabe a nós nos ajudar a conhecer Deus e seus planos e propósitos; pensar bem e corretamente sobre Deus, mas não é para nós. Não assume nossa cultura ou antecipa nossa cultura.

O livro de Jó, então, está totalmente inserido no mundo antigo. Mesmo que não esteja em dívida com nenhuma peça de literatura do mundo antigo, está embutido nele. E essa imersão significa que a conversa está se desenrolando naquele contexto, que mesmo quando o livro de Jó está tendo uma perspectiva diferente daquela que outros naquela época e cultura podem ter, ainda está tendo a conversa no contexto daquela cultura.

Mencionamos que Jó não é israelita. Ele é da terra de Uz. Então, ele não é um israelita, mas é muito evidente que o livro é um livro israelita. Ou seja, é moldado por israelitas para israelitas.

Sofredor Piedoso na Literatura do Antigo Oriente Próximo (ANE) [2:44-6:33]

Ao falar sobre a situação de um sofredor piedoso, ele se encaixa em uma categoria conhecida no mundo antigo. Há um grande número de peças de literatura que discutem o

piedoso sofredor. Mas as respostas dadas no livro de Jó são um pouco diferentes das que encontramos no mundo antigo.

Algumas das peças do mundo antigo que seguem esse tipo de padrão são as primeiras peças sumérias chamadas Um Homem e Seu Deus. Ali o sofredor se confessa ignorante de qualquer delito que possa ter cometido. Sua condição é que ele sofre de uma doença. Ele é um pária social. Mas no final do livro, os pecados são identificados para ele, e ele confessa seus pecados e recupera a saúde. A filosofia por trás desse livro é que não nasce criança sem pecado. Em outras palavras, todos têm pecados, e isso resulta em um hino de louvor, que é a teologia daquele livro.

Uma peça acadiana da Mesopotâmia é chamada Um diálogo entre um homem e seu Deus. Mais uma vez, eles ignoram qualquer ofensa possível. O motivo do sofredor piedoso é a ideia de alguém que, na superfície, parece ter feito tudo o que precisava fazer e que é piedoso em todas as formas essenciais, mas que está sofrendo. E assim, neste Diálogo entre um Homem e Seu Deus, este homem sofre uma doença e, eventualmente, recupera a saúde. Não há filosofia oferecida. Não há favor divino garantido.

Uma das peças mais famosas do mundo antigo é chamada Ludlul bel Nemeqi, Louvarei o Deus da Sabedoria. É uma peça acadiana e, portanto, babilônica. Aqui, novamente, temos um personagem consciencioso e piedoso em todos os sentidos, ignorante de qualquer ofensa possível. E, no entanto, ele se encontra um pária social. A comunicação dos deuses não é clara. Ele está sofrendo de uma doença. Seus espíritos protetores foram expulsos. Ele fala sobre a opressão demoníaca. E então, ele está nesse tipo de situação. Na resolução de sua situação, o deus aparece em sonho e o informa. O resultado é que ele tem uma maneira de fazer uma oferta de purificação que traz apaziguamento, e suas próprias ofensas desaparecem. Seus demônios foram expulsos, ele recuperou a saúde. Isso, novamente, indica que ele realmente não estava isento de ofensa. A filosofia por trás desta peça diz que os deuses são inescrutáveis; quem sabe o que estão fazendo. E isso resulta em um hino de louvor ao deus babilônico, Marduk.

Uma última é chamada de Teodiceia Babilônica. Neste, novamente, a pessoa alega piedade, mas sua família se foi e ele está sofrendo com a pobreza. E, neste caso, realmente não há solução para sua situação. Eles concluem que os propósitos do deus são remotos e que você realmente não pode dizer o que eles estão fazendo. Expressa a opinião de que os deuses criaram pessoas com más inclinações e propensas ao sofrimento. E é assim que o mundo é.

Ideias nas Fontes ANE [6:33-11:02]

Estas são algumas das peças mais populares que conhecemos do mundo antigo. E podemos ver que eles oferecem uma perspectiva muito diferente sobre os deuses e sobre o sofrimento que as pessoas experimentam. Portanto, a resposta que encontramos aqui é a inescrutabilidade divina. Você não pode realmente saber o que os deuses estão fazendo. A pecaminosidade inerente da humanidade, todos pecam, todos cometem ofensas e, portanto, no sofrimento, você nunca pode alegar que não foi merecido. Ou, até mesmo os deuses tornam a humanidade torta. Outras vezes expressam a ideia de que ninguém pode realmente fazer tudo o que os deuses exigem. Então, sempre haveria algo com o qual os deuses poderiam ficar com raiva.

Geralmente, no antigo Oriente Próximo, há menos inclinação para atribuir culpas. As pessoas estão realmente sem informação. Os deuses não se comunicaram diretamente. Quando você fala sobre egípcios, babilônios, cananeus ou hititas, os deuses não se revelam. E assim, não há uma comunicação clara sobre o que eles desejam, o que vai agradá-los ou o que vai ofendê-los. Não há sentido disso no mundo antigo.

Além disso, as pessoas acreditavam que os deuses eram bastante inconsistentes. Eles têm suas próprias agendas e são caprichosos. Dia a dia, eles podem agir de maneira diferente. E, portanto, embora eles sintam que sua situação é resultado da negligência, raiva ou mudança de opinião do deus por um motivo ou outro, eles realmente não têm como pensar sobre tudo isso. No mundo antigo, eles acreditavam que se os deuses ficassem com raiva, eles removeriam sua proteção e, como resultado, a pessoa ficaria vulnerável,

ameaçada por poderes demoníacos ou apenas pelas forças que estão por perto. E assim, encontramos isso na peça que identifiquei como Ludlul bel Nemeqi, depois que o sofredor fez tudo o que pode pensar em fazer. Ele tem estas palavras : "Gostaria de saber que essas coisas agradam ao deus de alguém. O que é próprio de alguém é uma ofensa ao deus de alguém . O que no coração de alguém parece desprezível é próprio de seu deus . Quem conhece a vontade do deuses no céu? Quem entende os planos dos deuses do submundo? Onde os mortais aprenderam o caminho de um deus?

Você pode ouvir sua frustração? Você pode sentir como seria viver em um mundo assim, sabendo que existem seres poderosos que afetam todas as partes da vida e ainda não lhe disseram o que esperam de você ou o que os deixará satisfeitos ou com raiva?

Pense se você trabalhasse em um emprego como esse, em que seu chefe o responsabilizava, mas nunca deixou claro o que você deveria ou não fazer. E que você foi punido ou recompensado com base em seus palpites. Isso é muito desconfortável.

Espero que esta visão nos ajude a uma nova apreciação do nosso Deus que se comunicou e revelou o que vai agradá-lo ou não e que nos deixou saber como ele é e disse que isso não vai mudar dia a dia. Deve nos dar uma nova apreciação e gratidão que Deus, em sua graça, nos comunicou. Então, isso é um pouco do que está por trás da literatura de um livro como Jó, alguns desses cenários. Mas Jó até agora os transcende; tem muito mais a oferecer.

Jó tem pensamento israelita: 1) Nenhum politeísmo [11:02-12:12]

Agora, mencionei que Jó pensa como um israelita, embora não seja um israelita. Onde vemos isso? Vemos isso, por exemplo, no fato de Jó não ter qualquer inclinação para o politeísmo. Isso é muito estranho porque no mundo antigo, o politeísmo é a única maneira de pensar sobre os deuses. E assim, a ideia de que Deus está em comunidade, vemos um pouco de comunidade nos capítulos iniciais por causa do conselho divino, mas nenhuma inclinação para o politeísmo. Na verdade, Jó faz algumas afirmações para se posicionar contra o politeísmo. Em seu juramento em Jó 31:26, ele jura que não levantou as mãos para o sol ou para a lua. Isso só faz sentido em um contexto israelita. Todos os

demais povos ao redor adoravam rotineiramente o sol e a lua e o faziam com alegria. Isso não era algo que era uma falha. Portanto, apenas em um contexto israelita seria razoável alegar que ele não fez isso.

2) Nenhuma curiosidade sobre qual deus traz problemas [12:12-12:46]

O segundo ponto é que Jó não mostra nenhuma curiosidade sobre qual deus lhe trouxe problemas. Ele parece saber exatamente com qual Deus está falando, e nenhum outro está em cena para atrapalhar ou confundir a situação. Ele não faz nenhum apelo a nenhum outro deus. Às vezes, se um deus está lhe causando problemas, você pode apelar para outro deus para ajudá-lo a resolvê-los. Jó não faz isso. Ele só está trabalhando através de um Deus.

3) Castigo merecido ou não merecido [12:46-14:33]

Ele pensa se sua punição é merecida ou não. Agora, no mundo antigo, mencionei as várias peças. Eles falam sobre sua ignorância de qualquer ofensa e, portanto, não podem imaginar o que poderiam ter feito para trazer a ira dos deuses. Mas, no final, muitas vezes assumem que houve uma ofensa. Eles simplesmente não estavam cientes disso. Eles não sabiam disso e de alguma forma ofenderam os deuses. Jó pensa se sua retidão ou ofensas realmente lhe valeram esse castigo. E mostra um nível de pensamento um pouco mais claro do que o que você encontraria no antigo Oriente Próximo. Especificamente, por outro lado, Jó está bastante certo de sua retidão. No antigo Oriente Próximo, eles só podiam ter certeza de que haviam feito tudo o que sabiam para realizar os rituais apropriados para manter o deus feliz.

Mas a retidão, da maneira como é retratada em Jó, realmente não estava em jogo no mundo antigo. As obrigações das pessoas no mundo antigo eram de natureza ritual, não algum tipo de retidão absoluta em abstração que pudesse ser definida. Sua única justiça era fazer o que fosse necessário para agradar aos deuses cujas exigências não eram muito conhecidas. Jó tem muita certeza sobre sua retidão. Mais uma vez, dá uma sensação muito israelita.

4) A Grande Simbiose Não em Jó [14:33-18:24]

Além disso, em Jó ligado a isso, não há sugestão do que chamo de grande simbiose. Deixe-me explicar isso para você. A grande simbiose no mundo antigo fala sobre como os deuses e as pessoas interagem. No mundo antigo em geral, eles acreditavam que os deuses haviam criado os humanos porque os deuses se cansaram de atender às suas próprias necessidades. Nesse modo de pensar, os deuses ficam com fome, os deuses ficam com sede, os deuses precisam de roupas e os deuses precisam de moradia. Eles são muito parecidos com os seres humanos; eles tinham necessidades. Eles tiveram que cultivar sua própria comida, irrigar seus próprios campos e construir suas próprias casas. E era um trabalho cansativo e exaustivo. Os deuses estavam cansados disso. E assim, eles decidem, vamos criar trabalho escravo. Criaremos pessoas e elas atenderão às nossas necessidades. Criaremos pessoas e elas cultivarão alimentos e nos alimentarão. Eles farão lindas roupas para nós e nos vestirão. E eles construirão casas esplêndidas e nos mimarão de todas as maneiras. Que grande idéia. E então, foi o que eles fizeram. Assim, as pessoas foram criadas para atender às necessidades dos deuses e mimá-los.

Agora esse é um lado da grande simbiose: o que as pessoas deveriam fazer pelos deuses. Mas é claro que tem o outro lado, o que os deuses, portanto, tinham que fazer pelas pessoas. Porque uma vez que eles se tornaram dependentes das pessoas para atender às suas necessidades, eles tiveram que preservá-los de alguma forma. Eles tiveram que enviar chuva suficiente para que as pessoas pudessem cultivar alimentos para alimentar os deuses e para se alimentarem, porque, caso contrário, eles morreriam e não poderiam alimentar os deuses. Eles tinham que protegê-los para que os invasores não viessem e os destruíssem, porque assim eles não poderiam alimentar os deuses. Assim, os deuses tinham que proteger seus interesses provendo e protegendo as pessoas.

Então, dessa forma, há essa codependência que se forma; onde os deuses dependem das pessoas para mimá-los, para atender às suas necessidades. E as pessoas dependem dos deuses para protegê-las e sustentá-las.

É um pouco onde a justiça entra no sistema porque os deuses estavam interessados em preservar a justiça. Não porque a justiça fosse de alguma forma inerente à sua natureza, mas porque se houvesse confusão, caos e problemas na sociedade, se a sociedade não fosse ordenada e justa, então haveria todos os tipos de problemas e as pessoas não poderiam cuidar de seus tarefas. A tarefa era: mimar os deuses. Então, se havia pessoas brigando entre si, se a sociedade estava cheia de inquietação, então os deuses não estavam sendo atendidos. Então, os deuses tinham algum interesse próprio em garantir que houvesse justiça e ordem na sociedade. Então, essa é a grande simbiose, essa codependência, necessidade mútua, onde os deuses precisam das pessoas e as pessoas precisam dos deuses.

5) Jó serve a Deus para nada?— Israelita [18:24-19:51]

Agora, quando a questão é colocada sobre a mesa sobre Jó, Jó serve a Deus por nada? Você pode ver que isso atinge o próprio fundamento dessa grande simbiose. No mundo antigo, ninguém servia a Deus por nada. A ideia de servir a deus era para que deus retribuísse o favor. A ideia deles de oferecer os rituais era para que os deuses trouxessem prosperidade e proteção. Ninguém no mundo antigo servia a deus por nada. Isso nos mostra como este livro é israelita, porque a própria premissa da questão no livro é uma premissa que nega que a grande simbiose sempre estará em vigor ou que está sendo trabalhada. Somente em Israel você poderia começar a pensar nessa direção. Jó estava pensando como um israelita. Não há conceito de retidão desinteressada na grande simbiose.

6) Desentendimento de Jó com amigos mostra que ele é israelita [19:51-21:56]

Além disso, o pensamento israelita de Jó se reflete quando ele entra em desacordo com seus amigos. Seus amigos pensam como as pessoas do antigo Oriente Próximo. Eles acham que Jó precisa apaziguar a Deus para que Deus lhe devolva seus benefícios. Eu chamo isso de recuperar suas coisas, como recuperar suas coisas. Todos os conselhos dos amigos de Jó são sobre o que você precisa fazer para recuperar suas coisas. Se você fizer essas coisas, a ira de Deus será apaziguada e você receberá suas coisas de volta. Em

outras palavras, eles representam essa visão que diz: "Jó, tudo gira em torno das coisas". Considerando que a própria questão no livro não é sobre as coisas, ou Jó realmente acha que não é sobre as coisas? A justiça de Jó é desinteressada? Isto é, ele realmente não está interessado nos benefícios, mas apenas na retidão? Os amigos de Jó continuam tentando atrair seu interesse para os benefícios de como ele pode restaurar suas coisas. Se Jó os ouvir, todo o livro desmorona. Assim, os amigos pensam como os antigos povos do Oriente Próximo, e Jó está mostrando seu tipo de pensamento de estilo israelita, recusando-se a aceitar esse tipo de pensamento.

Portanto, Jó não é um israelita, mas pensa como um israelita. Ele age como um israelita. E assim, um leitor israelita se identificará com as perspectivas de Jó.

7) O foco do livro é israelita: nenhum ritual de apaziguamento [21:56-23:24]

Agora, não apenas isso, mas o foco do livro é israelita. Jó não apenas pensa e age como um israelita, mas o foco do livro também é israelita. Assim, por exemplo, não há possibilidade de pensar que existe uma ofensa ritual como explicação para a situação de Jó. Assim teria sido no antigo Oriente Próximo. É assim em todas aquelas peças de literatura que examinamos. A ideia era que deve ter havido alguma ofensa ritual e, portanto, deve haver algum apaziguamento ritual, alguma solução ritual. O Livro de Jó simplesmente não dá atenção a essa possibilidade. Está tomando um foco israelita.

Não há pensamento de apaziguamento como uma resposta eficaz. A ideia é que, de alguma forma, Deus está irracionalmente irado e precisa ser apaziguado. Se fosse assim, Jó não o estaria chamando no tribunal para obter uma explicação. Então, não há nenhum pensamento desse tipo de apaziguamento. Seus amigos gostariam que ele os apaziguasse. Embora, novamente, não seja um apaziguamento no sentido ritual. O livro não tem esse tato. Assim, mesmo os amigos que representam o pensamento do antigo Oriente Próximo não propõem uma solução ritual.

8) A justiça de Deus e a retidão de Jó são israelitas [23:24-24:51]

A idéia de que há um interesse no livro, tanto em Deus fazendo justiça quanto na justiça de Jó, torna-o muito diferente da matriz de pensamento do antigo Oriente Próximo. O antigo Oriente Próximo não mostraria interesse nessas coisas. Os deuses fazem o que fazem. E assim, enquanto eles acreditam que os deuses estão interessados na justiça, a ideia de que de alguma forma os deuses devem agir com justiça não está realmente em cena; os deuses fazem o que fazem. E assim, essa ideia de que a justiça de Jó, que é indefinível no antigo Oriente Próximo, e a justiça de Deus estão na imagem mostra uma maneira de pensar israelita.

Outro ponto que vemos no livro é que Jó é declarado justo desde o início. Uau, isso é diferente de tudo no antigo Oriente Próximo que ele seria declarado limpo. Novamente, esse é um dos extremos do livro. Você pode ver como isso tira todas as explicações do antigo Oriente Próximo da mesa. Se exonerar Jó desde o início, todas as respostas sobre o sofrimento de Jó não estarão mais disponíveis; todos os que o antigo Oriente Próximo oferece.

9) Visão transcendente de Deus [24:51-25:14]

E, finalmente, mais uma coisa que nos mostra o foco israelita no livro é a visão transcendente da divindade, que Deus meio que fica acima de tudo. Agora, novamente, isso pode ser mitigado dependendo de como você lê o primeiro capítulo ou dois. E falaremos mais sobre isso. Mas, no geral, há uma visão transcendente da divindade. As respostas do livro não dependem da natureza humana ou da natureza divina, mas das políticas de Deus no mundo. Como Deus trabalha? E nesse sentido, novamente, é muito diferente do que encontramos no antigo Oriente Próximo.

A literatura da ANE é usada como contraste pelas posições dos amigos [25:14-26:32]

O Livro de Jó, então eu diria, não está em dívida com nenhuma peça da literatura do antigo Oriente Próximo. Ele usa a literatura do antigo Oriente Próximo como contraste. Ele quer que você pense sobre isso, enquanto quer que seu público pense sobre as outras respostas que são dadas porque vai mostrar como eles estão falidos. O antigo Oriente

Próximo é, então, um parceiro de conversação para o Livro de Jó. Os israelitas estão muito bem cientes dessa conversa mais ampla. O livro de Jó está entrando nessa conversa, mas está usando isso como contraste, porque vai assumir um tipo diferente de posição e dar uma resposta que simplesmente não estava disponível no mundo antigo, especialmente por causa da maneira como as pessoas pensavam sobre o assunto. Deuses no mundo antigo. Os amigos de Jó representam o antigo pensamento do Oriente Próximo, mas Jó resiste a isso, e o livro resiste a isso.

Resumo: Jó é distintamente israelita [26:32-28:32]

Então, vamos resumir as características distintamente israelitas. Em primeiro lugar, não há grande simbiose. Deus não tem necessidades, e vemos isso expresso em um lugar como Jó 22:3. Em segundo lugar, há um interesse na justiça de Deus. E, novamente, isso não seria um elemento tão forte no antigo Oriente Próximo. Há um interesse na retidão como um conceito abstrato. Jó parece ter um senso de retidão pessoal que vai além do que o mundo antigo poderia ter proporcionado. Não há ofensas rituais consideradas ou remédios rituais sugeridos ou buscados, e nenhum apaziguamento é buscado. A sabedoria divina é um tema importante e é realmente o foco do livro. E, novamente, muito diferente do que encontramos no antigo Oriente Próximo. No antigo Oriente Próximo, era simplesmente um direito divino. Os deuses fazem o que fazem. Aqui, a ideia da sabedoria divina nos ajuda a entender como é a direção do mundo por Deus e como são suas políticas. Portanto, ajuda pensar nele de maneira diferente de como o resto das pessoas no antigo Oriente Próximo pensava sobre seus deuses.

Então, Jó é um livro muito entrelaçado no mundo antigo. Pressupõe um conhecimento do mundo antigo, mas assume um ponto de vista oposto ao que encontramos no mundo antigo. Ao fazer isso, ele nos dá uma revelação de Deus, de Javé, muito diferente de qualquer coisa que poderia ter sido dada sobre um dos deuses do mundo antigo.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 5, Jó e o Antigo Oriente Próximo. [28:32]